

# Teia AGROECOLÓGICA

CEARÁ

BOLETIM INFORMATIVO SOBRE  
TECNOLOGIAS SOCIAIS EM  
AGROECOLOGIA  
ANO 1 / EDIÇÃO Nº 5 / MAIO DE 2019



ARTICULAÇÃO  
NACIONAL DE  
AGROECOLOGIA

Foto: João Paulo Moura / ANA



*Por meio de Casas de Sementes e roçados agroecológicos, Agricultoras (es) convivem com a seca e conquistam a "independência das sementes do patrão"*

## Semeando roçados comunitários agroecológicos no Ceará

Agricultoras e agricultores familiares da Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS) na Microrregião de Sobral, no Ceará, iniciaram manejos produtivos em roçados comunitários agroecológicos, a partir de 2015. Embora sejam recentes, os roçados se associam a uma prática histórica da agricultura camponesa: o armazenamento de sementes tradicionais, chamadas crioulas, adaptadas às condições do Semiárido. A estratégia principal é a produção de sementes para serem armazenadas nas Casas de Sementes, que buscam autonomia na preservação, seleção e abastecimento de espécies vegetais importantes para a agricultura familiar local.

Assim, as sementes crioulas são disponibilizadas às famílias agricultoras a cada safra, sendo devolvidas após as colheitas. Dessa forma, são garantidas a perenidade e as reservas de biodiversidade para a convivência com os períodos de seca. As Casas de Sementes também são importantes por sediarem as atividades da RIS, pois é como explica a agricultora Cleide Maria Pereira, de Forquilha: "A Rede não está pronta, é a gente que a constrói, aí precisa de carinho, de amor".

O trabalho nos roçados comunitários agroecológicos é realizado por mutirões entre as sócias (os) das Casas de Sementes, sempre respeitando suas condições físicas, geracionais e de gênero. Após a colheita, é feita a seleção das sementes que serão armazenadas. As pessoas que trabalharam no roçado podem se beneficiar de toda a produção, o que inclui variedades como feijão, milho, jerimum,

melancia e mandioca. Já quem não participou dos mutirões, apenas poderá se beneficiar do empréstimo de sementes.

### *A Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS)*

**envolve mais de 2000 sócias (os) em 81 Casas de Sementes no Ceará. Dessas, dez possuem roçados comunitários agroecológicos beneficiados por projeto aprovado em edital do Ecoforte: quatro estão no município de Itapipoca; duas em Sobral; uma em Frecheirinha; uma em Massapê; uma em Marco; e uma em Santana do Acaraú. Além dos roçados, foram implantadas 20 novas Casas de Sementes com o projeto. Houve também reformas nas Casas que já existiam, qualificando a estrutura para o armazenamento de sementes, e encontros promovidos pelas famílias agricultoras.**

O termo “agroecológico” indica que não serão utilizados agrotóxicos nem queimadas nos roçados. O maior problema da utilização do fogo relaciona-se à questão hídrica. “A queimada mata o solo, os bichos que vivem ali. E elimina a água, que seca nas nascentes e nos olhos d’água”, expõe a agricultora familiar Tereza de Jesus dos Santos, da comunidade Camará, em Santana do Acaraú (CE). Então, para permitir a entrada de luz no sistema agroecológico, em vez de deixar a “terra limpa” usando as chamas, realiza-se a poda seletiva. Nessa técnica, feita manualmente, são identificados os melhores períodos de corte, a quantidade a ser aparada e as espécies que realmente precisam ser podadas.

A prática de guardar sementes faz parte da vida das famílias agricultoras do território



Trabalho em rede contribui na caminhada por uma agricultura familiar cada vez mais forte



Foto: João Paulo Moura / ANA

Os canteiros dos roçados são compostos por restos de vegetação, incluindo os galhos retirados durante as podas, que adicionam lentamente matéria orgânica ao solo por meio da decomposição. Também é praticada a adubação verde com o plantio de leguminosas, como é o caso dos feijões. Nesse processo de manejo, agricultoras (es) se utilizam de referências agroflorestais, combinando árvores frutíferas (cajueiros, aceroleiras, mamoeiros), árvores nativas (sabiá, jurema, mulungu) e “plantas de roça” (mandioca, milho, feijão, jerimum, batata-doce, melancia, melão).

## *Conheça duas das Casas de Sementes da RIS onde foram implantados roçados comunitários agroecológicos*

**O Assentamento Lagoa João de Sá**, no município de Marco (CE), tem área de aproximadamente 855 hectares e possui 24 famílias. As pessoas assentadas “trabalhavam para o patrão”, o qual possuía interesse em vender a terra. A área foi comprada pelo governo estadual e formalizada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), em 1998. O roçado agroecológico comunitário do Assentamento possui um hectare. Suas sementes vão para a Casa de Sementes Umbuzeiro. A cada ano, elas estarão disponíveis quando as primeiras chuvas do inverno chegarem.

**O Assentamento Ingá**, em Santana do Acaraú (CE), foi criado pelo Incra, em 2005. Possui 22 famílias em uma área de cerca de 850 hectares. Historicamente, as famílias já viviam nessa área, todavia em condição de terras arrendadas, ou seja, também “trabalhando para o patrão”. Organizadas em associações e em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), conseguiram a titularização do local. O roçado comunitário agroecológico do Assentamento possui um hectare e suas sementes são armazenadas na Casa de Sementes Francisco Otaciano do Nascimento. Nela, há variedades de milho com mais de 80 anos. Armazenadas de forma coletiva, essas sementes seguem reencontrando a terra a cada safra.

## SEMENTES QUE TRAZEM LIBERDADE

Embora o termo “sementes crioulas” seja difundido na RIS, existem na região várias outras traduções para o termo: “sementes naturais”, “sementes que são da gente”, “sementes que são de gerações”, “sementes que pertencem ao povo”, “sementes adaptadas à nossa realidade”, dentre outras. A ação de guardar sementes é parte da história de vida das famílias agricultoras. “A prática é mais antiga do que a gente, tem semente aí de 80 anos”, conta José Aurino Filho, mais conhecido como Dedé, agricultor familiar do Assentamento Ingá, em Santana do Acaraú (CE).

De forma estratégica, o armazenamento das sementes crioulas permitiu, ao longo do tempo, a independência das “sementes do patrão”. É que antes as famílias não tinham acesso assegurado às sementes em quantidade suficiente para o plantio. Além de agricultoras (es) associadas (os) à Rede, a gestão das Casas envolve os Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, a Cáritas Diocesana de Sobral e o Instituto Carnaúba.

## PRESERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO GENÉTICO E CULTURAL

No Ceará, o armazenamento de sementes por famílias agricultoras ocorre há muitas gerações, porém foi na década de 1970 que se iniciou, no Sertão do Crateús, o armazenamento feito de forma coletiva. A partir da criação da primeira Casa de Sementes, outras foram sendo construídas e a interação entre as sócias (os) de diferentes locais propiciou, em 2003, a realização do 1º Encontro de Sementes da Microrregião de Sobral, no qual foi oficializada a nomenclatura Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS). Em 2007, as Casas de Sementes foram certificadas pela Fundação Banco do Brasil (FBB) como tecnologia social.

Na Microrregião de Sobral, o primeiro local de armazenamento coletivo foi um Banco de Sementes fundado em 1983 na comunidade Bulandeira, município de Santana do Acaraú (CE), por meio da parceria entre as moradoras (es), a Oxfam Brasil, a Cáritas e a organização Esplar. A iniciativa não contava com espaço físico próprio, sendo que as primeiras sementes ficavam armazenadas na residência de uma moradora da comunidade. O Banco funcionou dessa forma por alguns anos, mas acabou sendo desativado em decorrência da dificuldade de produção de sementes em meio à seca. Em 2000, a iniciativa foi reativada como Casa de Sementes da Bulandeira, devido a novas ações da Cáritas em parceria com a comunidade.

Ao fortalecerem as Casas de Sementes, os roçados comunitários se mostram como espaços educativos de produção e práticas agroecológicas que se somam a essa história de preservação do patrimônio genético e cultural das sementes crioulas. Essas são para as agricultoras e agricultores da região, além de alimentos, sementes da luta. Elas fazem brotar a resistência cotidiana contra o monopólio das empresas de sementes, resgatam histórias do território e ainda inspiram encontros, reuniões, mutirões e festas da Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS).

PARCERIA



APOIO



ISBN 978-85-87116-31-4



9 788587 116314